

EM BUSCA DE BIBLIÓFILOS ESQUECIDOS¹

Antonio Agenor Briquet de Lemos

Falarei de lembranças minhas e de lembranças alheias intermediadas por esta memória que anda meio trôpega. Por exemplo, não consigo lembrar o ano em que, com espanto e alegria, recebi um telefonema de Lisboa (2007? 2008?). Do outro lado da linha, alguém pedia que confirmasse meu nome. Em seguida, disse-me que fora livreiro de Rubens Borba de Moraes, em Lisboa, e se chamava António Tavares de Carvalho. Explicou (ou estarei inventando?) que conseguira meu número de telefone no *site* da nossa editora, ou em algum livro que havíamos

1. Versão modificada e ampliada de comunicação intitulada “Memória dos Livros e dos Homens: Rubens Borba de Moraes”, lida no encontro “Bibliofilia: Circuitos e Memórias”, na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, de 12 a 13 de novembro de 2018, em São Paulo. Agradeço a Ana Renata Tartaglia (Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras), Ana Virgínia Pinheiro (Biblioteca Nacional), Beatrice Gropp (Atibaia, SP), Cássio Ramiro Mohallem Cotrim (São Paulo, SP), Maria Antônia Lopes (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Maria João Neto (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Marize Malta (Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Mary Komatsu Shinkado (Biblioteca do Museu Nacional de Belas-Artes), Richard C. Ramer (New York), Rosani Godoy (Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas-Artes da Universidade do Rio de Janeiro), Renata Nazareth de M. B. Torres e José Antônio Araújo Alves (Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha), e Sonia Gomes Pereira (Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro) pelas informações, documentos e sugestões que contribuíram para esta tentativa de tornar menos vago o conhecimento sobre António Tavares de Carvalho, Jacques Renout, Jerônimo Ferreira das Neves e William Gropp.

publicado. Até então tínhamos editado de Rubens Borba de Moraes *O Bibliófilo Aprendiz* (1998) e *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial* (2006), bem como *O Mestre dos Livros: Rubens Borba de Moraes*, de Suelena Pinto Bandeira (2007). Recordo que foi uma conversa longa, durante a qual não parecia dar grande importância ao custo de uma ligação telefônica internacional.

Falei da amizade com o professor Rubens, de como o conheci na Universidade de Brasília, quando ali cheguei em 1968. Falei-lhe do trabalho como editor e respondi as perguntas que me fazia, entrecortadas de comentários saudosos e elogios ilimitados ao amigo comum: um *gentleman*, um cliente como poucos (“jamais pechinchava”) e um grande bibliógrafo. Falou-me das cartas trocadas com Rubens, e que o professor Ivan Teixeira, seu amigo, disse-lhe que trataria de publicá-las no Brasil, mas fazia tempo que não tinha notícias dele. Prometi-lhe que tentaria localizar o professor Ivan, o que acabei conseguindo, e ele confirmou que as cartas seriam editadas. Transmiti a informação a António Tavares, por *e-mail*, do qual não tirei cópia, na tola ilusão de que não seria apagado da memória do computador. Lembro ainda que, poucos meses depois (ou teriam sido semanas?), recebi um segundo telefonema de António, simplesmente para prosear. Depois disso, não tive notícias dele.

Em janeiro de 2011 enviei-lhe um exemplar da autobiografia de Rubens Borba, *Testemunha Ocular – Recordações*, que acabara de editar, culminando o trabalho de organização do manuscrito que havia iniciado em 2008. Ajustei ao livro um bilhete, para lhe dizer que, na página 234, Rubens registrara que devia a António a proeza de ele ter conseguido um exemplar do primeiro livro impresso no Brasil, a *Relação da Entrada do Bispo*. E que acrescentava, com vaidade comum a tantos bibliófilos, que aquele exemplar era “o único em mãos de particular”. Um mês depois, o pacote me foi devolvido pelos correios com a informação de que o destinatário mudara de endereço. Logo lhe enviei *e-mail* perguntando pelo novo endereço. Tenho dúvida sobre se ele respondeu ou se, de alguma outra forma, havia conseguido o livro. Meu computador ainda guarda a mensagem, mas sem registro de resposta.

Em 2014 ou 2015, o amigo Danilo Matoso Macedo, que pesquisava sobre os livros de arquitetura que teriam circulado no Brasil na época colonial, pediu-me que lhe indicasse algum livreiro em Portugal. Indiquei António Tavares de Carvalho. Danilo foi a Lisboa, no curso de sua pesquisa e, ao voltar, me contou que a visita fora uma frustração, pois António mostrava sinais de que a memória começava a falhar, dificultando-lhe a comunicação.

Só em abril de 2018 voltei a ter notícia do alfarrabista, quando Plínio Martins Filho me presenteou um exemplar da impecável edição das *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*, dedicada a Ivan Teixeira, “a quem este livro deve sua existência”.

Iniciada a leitura, percebi que as cartas continham muita coisa que, no meu entendimento, Rubens Borba de Moraes bem que poderia ter registrado em suas memórias. Como, por exemplo, a história dessa amizade com António Tavares, que durou quase um quarto de século. Em *Testemunha Ocular*, porém, o livreiro é mencionado uma única vez, na página 234, como disse acima. Por quê? Além dessa indagação, para a qual não teremos resposta, constatei, terminada a leitura do volume, que continuava querendo saber um pouco mais sobre António Tavares de Carvalho. O que fiquei sabendo com aqueles telefonemas e com a menção que Rubens fez a ele no prefácio da *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*: “Ficarei sempre grato ao meu amigo António Tavares de Carvalho pelo interesse que demonstrou por este trabalho e pela ajuda no enriquecimento de minha coleção particular, núcleo desta bibliografia”², queria saber mais.

Saí a catar informações fornecidas por diferentes fontes, tanto pessoas físicas quanto as que estão disponíveis em formato digital na internet. Entre as pessoas, a primeira a quem recorri foi o livreiro Richard C. Ramer, que era citado por Rubens, na carta de 19 de outubro de 1976, como amigo de António. Aqui está o resultado dessa garimpagem, que reúne tanto o que encontrei até o dia 10 de novembro de 2018 quanto o que pude obter de lá até fevereiro de 2019.

António Amaral Tavares de Carvalho nasceu em 5 de março de 1932, provavelmente em Lisboa. Era o caçula de seis irmãos, filhos de Fernando Tavares de Carvalho (1900–1970). Seu pai, licenciado em direito pela Universidade de Lisboa, era notário importante, de nomeada, e que chegou a ser deputado da Assembleia Nacional (1938–1942)³. Mário, o filho mais velho, foi gerente do Hotel Palace, no Estoril, de propriedade da família; Fernando, o penúltimo, era presidente da Câmara Municipal de Cascais; outro possuía uma fazenda de cacau na Ilha de São Tomé; Guilherme era diretor da petroleira Shell em Portugal.

Sua irmã casou-se com um filho do Conde de Almada. Uma tia morava no Hotel Ritz e tinha um Rolls-Royce com motorista. Faz poucos anos, António

2. Rubens Borba de Moraes, *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, p. 19.

3. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, p. 823.

morava sozinho em um apartamento de 25 cômodos na Avenida da República, uma das mais importantes de Lisboa. Esse apartamento pertencera a seus pais, desde princípios do século XX, quando o edifício foi inaugurado⁴.

O avô do alfarrabista chamava-se António Tavares de Carvalho (1866–1938)⁵ e seguiu a carreira de notariado em que alcançou grande reconhecimento, tendo chegado ao cargo de notário real durante o breve reinado de Dom Manuel II (1889–1932), o último monarca de Portugal (1908–1910), celebrado como bibliófilo de escol e autor de uma magnífica bibliografia de livros antigos portugueses. Desempenhou atividades políticas, e, no final da vida, tornou-se administrador do Banco Lisboa e Açores. Bibliófilo respeitado, formara importante camiliana⁶, “amigo pessoal de um dos mais famosos livreiros do mundo, Maurice Ettinghausen”⁷. A família de sua mulher possuía imóveis na Praia do Estoril, além do Hotel Palace e muitos outros bens. Foi dele que o neto, quase homônimo, herdou a preciosa biblioteca com que começou a carreira de bibliopola de obras raras.

Quando, em 27 de março de 1961, Rubens Borba escreveu pela primeira vez para o livreiro, por indicação do amigo “Sr. Gropp, recentemente chegado de uma viagem a Portugal”, fazia poucos dias que Antonio completara 29 anos. Jovem, mas não tanto, para iniciar carreira no comércio de livros raros, um ramo mais exigente do que o de livrarias comuns por causa do tipo de conhecimento especializado e experiência de que o livreiro precisa para corresponder a uma demanda que apresenta preferências às vezes incomuns e requer atendimento complexo. Rubens Borba deve ter notado que António ainda carecia de traquejo no ofício, pois, ao receber a primeira encomenda, fez-lhe sugestões quanto à embalagem, para que os livros pudessem resistir à “brutalidade dos empregados do correio”⁸. Decorridos cerca de três meses desde a primeira carta, Rubens escreve a António, dando a entender que este talvez houvesse feito algum comentário sobre os estudos que estava a seguir ou seguiria:

Não sei como andam as coisas em Portugal, mas o comércio de livros raros, estou certo, lhe dará mais prazer, mais satisfação e um meio mais seguro

4. Richard C. Ramer, Comunicação Pessoal em 31.10.2018.

5. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, p. 823. Ver também obituário no *Diário de Lisboa*, 26.10.1938, p. 5.

6. Na revista *Feira da Lavra*, t. 4, p. 175, 1932, revela-se orgulhoso possuidor de uma carta de Camilo “que faz cócegas a Castilho”.

7. Paulo Moura, “Os Sacerdotes do Livro: Histórias de Livreiros-alfarrabistas”.

8. Plínio Martins Filho, (org.), *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*, p. 12.

de viver que as chamadas profissões liberais francamente em decadência neste nosso mundo de hoje. Não conheço um só livreiro antiquário na Europa, na América e no Brasil que não viva fartamente. São poucos aqui na minha terra que têm cultura, mas os dois que têm preparo universitário estão riquíssimos⁹.

Poucos meses depois, voltou ao assunto da profissão que o amigo poderia seguir:

Quando obterá a licenciatura? Pretende ainda entrar para a carreira diplomática? Na minha opinião, hoje em dia, quem não tem os defeitos necessários para ganhar dinheiro e tem suas qualidades não deve pesar mais. É fazer o concurso! Hoje em dia a “carreira” não é mais a “vida mundana” e um tanto fútil que era. Trabalha-se muito mas é um trabalho interessante e vivo, atual; lida-se com os problemas graves do nosso mundo atormentado. Portugal não paga bem seus diplomatas quando no estrangeiro, em posto, mas dá para viver decentemente como tenho visto. O tempo livre pode ser aproveitado em ver e viver. É muito. Poucas carreiras dão essas oportunidades¹⁰.

Tavares de Carvalho estudava direito na Universidade de Lisboa no início de 1965, pois pretendia seguir a carreira diplomática. Era seu colega e amigo Tarcísio Trindade, que viria a ser um dos grandes especialistas de obras raras de Portugal, que o “empurraria para a atividade de alfarrabista”¹¹. O jornalista Paulo Moura diz que foi com Tarcísio Trindade que Tavares de Carvalho aprendeu a arte dos negócios bibliófilos.

Tornou-se bibliófilo e livreiro bem-sucedido, como havia antecipado Rubens Borba. Era um “livreiro de luxo” que só trabalhava “por contato”, e recebia “os conhecidos e as pessoas amigas” num requintado terceiro andar, labirinto de antiguidades – a sua casa. Contata mais com o estrangeiro e defende esse “alargar de horizontes”¹².

A imagem de uma pessoa de fino trato é reforçada pelo relato de Paulo Moura:

9. *Idem*, p. 15-16.

10. *Idem*, p. 74. Rubens falava com algum conhecimento de causa. Durante cerca de dez anos foi funcionário internacional da Organização das Nações Unidas. Seu enteado, Guilherme Weinschenk, era diplomata, e ocupava o cargo de segundo secretário da embaixada do Brasil em Londres, quando Rubens escreveu essa carta.

11. Pedro d’Anunciação, “Em Paz: Tarcísio Trindade”, p. 21.

12. Filipa Melo, “Alfarrabistas – em 1993, Era Assim”, *Coração Duplo* [blog].

[...] sentado numa das poltronas de veludo azul da sala onde recebe os seus clientes *by appointment*. É uma sala redonda, com várias portas e janelas, uma mesa ao centro e um grande lustre, forrada a estantes com livros antigos, encadernados a pele e dourados. [...] Tavares de Carvalho cultiva as relações pessoais com os clientes, a quem frequentemente chama “amigos”. Conhece-lhes os pontos fortes e fracos, logo o que lhes pode vender, quando e por quanto. Dispensa a internet e os computadores, trabalha numa espécie de círculo de cavalheiros, restrito embora espalhado pelo mundo, regulado pela confiança e o afeto¹³.

Ramer me disse que António ainda vive, mas não exerce a profissão. Obras que lhe pertenceram aparecem em leilões, “mas continua ainda em seu poder a maior parte de seus melhores livros”¹⁴.

Por ora, esses traços bastam para compor o perfil básico daquele que foi, ao lado dos irmãos Geyerhahn da Livraria Kosmos e de vários outros livreiros, no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, um dos principais descobridores e fornecedores de preciosidades a Rubens Borba, e que precisarão ser mais bem estudados para que se comece a montar a teia ou rede de relações que constituem o mundo da bibliofilia e do comércio de livros raros. Os depoimentos de bibliófilos e de seus livreiros são a comprovação de que a bibliofilia não se esgota no ato de colecionar, no colecionismo, como prática individual e isolada. O bibliófilo, independentemente de seu objetivo ou de suas justificativas psicológicas, está associado com os livreiros, que, com frequência, e a depender da personalidade do colecionador, desempenham a função de levar até ele as novidades recebidas e sair à caça daquilo que por ele é demandado.

Há vários personagens interessantes nessas cartas de Rubens Borba. Logo na primeira linha da primeira carta, de 27 de março de 1961, surge o “amigo Gropp”. Quem era ele? À medida que a leitura fluía, sua presença tornava-se mais frequente. E, se, nas memórias de Rubens Borba, António Tavares fora citado uma vez, o amigo Gropp nem isso.

Depois de procurar em jornais e sites consegui chegar até Beatrice Gropp, que me confirmou e repassou informações sobre seu pai. Aquele amigo da primeira linha da primeira carta, que apresentou o livreiro a Rubens Borba, era o bibliófilo, também especialista em brasileira, Leopold Hermann William Gropp (1914–1989), conhecido como William Gropp. Nasceu na Alemanha, na cidade de Hildesheim, e chegou ao

13. Paulo Moura, “Os Sacerdotes do Livro: Histórias de Livreiros-alfarrabistas”.

14. Richard C. Ramer, Comunicação Pessoal.

Brasil em 1937, onde se dedicou à importação de máquinas e ferragens e ao mercado imobiliário. Sua coleção, tida como das melhores, ficava na Fazenda Sete Colinas, de sua propriedade, em Atibaia (SP). No exemplar da *Bibliographia Brasiliana*, que parecia servir-lhe como *desiderata* ideal, ele marcava os títulos que possuía (“tenho” ou “temos”). No final de 2001, quando a família decidiu vendê-la, a biblioteca contava com cerca de 1.300 volumes. Uma pequena nota na coluna social da *Folha de S. Paulo*, de 15 de abril de 1971, na página 34, informava que a biblioteca de William Gropp, a brasileira “mais completa que existe por aí”, estava à venda porque os filhos não tinham interesse nisso. Este é mais um de nossos bibliófilos a merecer estudos que o situem no mapa dos colecionadores brasileiros de livros raros.

Antônio Tavares de Carvalho, Stefan e Walter Geyerhahn, Olinto de Moura, Américo Marques, Alfonso Cassuto, Maurice L. Ettinghausen, Bernard Quaritch e tantos outros livreiros, fornecedores ocasionais ou assíduos, eram os nós de uma rede que se ramificava por várias partes, identificando e fornecendo os objetos de desejo a Rubens Borba. A essa rede somavam-se alguns companheiros de colecionismo com os quais trocou, comprou ou revendeu livros. Pelo que escreveu, fez isso poucas vezes, mas, aparentemente, sem o ânimo e a excitação que mostrava em seu papel de comprador. Nesse círculo em que ocorria o retorno dos livros raros ao circuito das atividades econômicas, como diria Krzysztof Pomian¹⁵, a única pessoa com quem Rubens Borba mostrava-se contente ao transacionar seus livros era José Mindlin. Veja-se, por exemplo, o caso ocorrido com o livreiro Olinto de Moura que ele relata de forma mais completa em suas memórias e parcialmente em carta de 20 de fevereiro de 1968¹⁶.

Outro personagem esquecido na cartografia da bibliofilia brasileira é o de Jacques Renout; assim, e não Renoult como Rubens escreveu.

Jacques Charles Henri Renout (1903–1972), formou-se pela École Polytechnique da Université de Paris, em 1923. Aos 26 anos, em 1929, sua presença é registrada no Rio de Janeiro, como secretário-geral da empresa Aéropostale, acompanhando em viagem entre essa cidade e Natal o conde Henry de la Vault, presidente da Federação Aeronáutica Internacional, que regressava à França¹⁷.

No final desse mesmo ano, ele é um dos convivas do banquete oferecido pelo embaixador francês no Rio à dupla de aviadores Tydeo

15. Krzysztof Pomian, “Coleção”, *Enciclopédia Einaudi*, pp. 51-94.

16. Rubens Borba de Moraes, *Testemunha Ocular - Recordações*, pp. 236-237.

17. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22.3.1929, p. 2.

Larre Borges (uruguaio) e Léon Challe (francês) que haviam realizado a travessia aérea entre Sevilha, na Espanha, e Maracajuá, no Rio Grande do Norte. Jacques Renout estava ali junto com seu chefe, o magnata Marcel Bouilloux-Lafont (1871–1944), que, além de proprietário da lendária Aéropostale era, no Brasil, dono da Compagnie des Chemins de Fer Fédéraux de l'Est Brésilien, além de empreiteiro de obras públicas, de portos a bairros inteiros¹⁸.

É provável que por essa época Renout tenha conhecido a jovem Alva Lobão Leoni (1905–1985), filha de Arlindo Batista Leoni (1869–1936)¹⁹, importante político da Bahia. Em 26 de maio de 1931, os dois se casaram no Rio de Janeiro, sendo ele representado por procuração²⁰.

Duas semanas depois, a noiva viajou para a França. Há notícia de que o casal residia em Paris, em setembro de 1936²¹. Como engenheiro, é possível que Jacques Renout haja trabalhado a partir de 1931 e até o final da guerra, em 1945, para o grupo industrial francês Schneider e que haja vindo para o Rio de Janeiro para abrir empresas da qual participaria, junto com outros sócios, com destaque para os Établissements Schneider. Em setembro de 1946, a Polícia Marítima registrou sua chegada ao Rio de Janeiro. Seis meses depois, eram registradas em cartório a Sociedade Anônima Gestão Industrial e Comercial, a Sociedade Brasileira de Estudos Técnicos e Industriais e a Sociedade Anônima Franco-Brasileira de Comércio e Representações²². Isso ocorreu em abril de 1947. Em julho de 1949, como um dos representantes do consórcio francês formado pela Compagnie de Fives-Lille e Schneider & Compagnie, assinou com o Conselho Nacional de Petróleo contrato para construção da refinaria que viria a ser a de Cubatão²³.

Terminada a construção da refinaria, Renout continuou residindo e trabalhando no Rio de Janeiro, onde possuiu empresa especializada em fundações e perfurações. Há registro de sua presença, em março de 1972, como diretor da filial brasileira da Ch. Lorrilleux S.A,

18. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24.12.1929, p. 1.

19. Esse Arlindo Leoni, sogro de Jacques Renout, foi o juiz de direito de Juazeiro da Bahia, que, em outubro de 1896, deu início à repressão contra Antônio Conselheiro, por razões muito “insignificantes para sucessos tão graves” (Euclides da Cunha, *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, pp. 340-341). Para Luiz Vianna Filho, “Canudos foi o fruto do pavor do Arlindo Leoni, que durante toda a vida se fez notado pelo medo excessivo de várias cousas, inclusive do mar. Tanto que meu pai, para puni-lo por causa de Canudos, o transferiu para uma comarca do sul do Estado, apenas acessível por mar, o que fez que ele deixasse a magistratura. Mas, quanto se pagou caro pelo erro inicial” (Ataliba Nogueira, *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão Histórica*, p. 12.)

20. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27.5.1931.

21. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8.9.1936.

22. *Diário Oficial*, Rio de Janeiro, 01.04.1947, pp. 4485-4487.

23. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 (p. 2) e 31 (p. 6) de julho de 1949.

fabricante de tintas tipográficas. Três meses depois, em junho, morreu na França.

Na carta de 23 de setembro de 1963, Rubens Borba, que parecia responder a algum comentário de Antônio Tavares, diz que a biblioteca de Renout era de primeira ordem, que não a via “há muitos anos”, mas “quando ele chegou da França, logo depois da guerra, já tinha coisas ótimas e depois adquiriu livros raríssimos” (p. 148). Rubens morou no Rio, de 1944 a 1947.

Em carta de 25 de janeiro de 1965, relatou sua visita, na companhia de Mindlin, à biblioteca do engenheiro francês, provavelmente na rua Visconde de Pirajá, 508, em Ipanema. Fala, “maravilhado” e em estado de êxtase daqueles mil livros “inacháveis”. Saiu da casa de Renout com vontade de vender sua própria biblioteca e desistir de colecionar. Resume sua admiração dizendo que era “a melhor coleção do Brasil” e que dificilmente haveria outra igual no estrangeiro (p. 207). Em 1967 (carta de 4 de dezembro, p. 289), depois de nova visita, não se cansa de elogiar: “tem uma 1ª edição do Antonil, as *Décadas* de João de Barros como se tivessem saído do prelo ontem!” E arremata: “*Monsieur Renoult est un as!*” (p. 289).

Em junho de 1976, Rubens avisou Antônio Tavares que José Mindlin iria a Paris para o “leilão dos livros que foram do Dr. Renoult [sic] e que estão leiloando como sendo da coleção de um colecionador com nome português. É uma coleção sensacional” (p. 440). Rubens diz que vira rapidamente o catálogo desse leilão na Livraria Kosmos²⁴. Segundo José Mindlin essa biblioteca saíra do Rio de Janeiro clandestinamente²⁵. Mindlin estava certo, pois, desde julho de 1968, vigorava a lei 5.471, que proíbe “sob qualquer forma, a exportação de bibliotecas e acervos documentais constituídos de obras brasileiras ou sobre o Brasil, editadas nos séculos XVI a XIX”. A não ser que Renout tivesse exportado seus livros antes de 1968.

O leiloeiro era o célebre Pierre Berès, uma das glórias do comércio de obras raras da França. Em seu obituário, publicado pelo Syndicat National de la Librairie Ancienne et Moderne (SLAM), essa história, como exemplo da competência comercial do finado, é contada assim:

[...] o grande leilão de livros relativos ao Brasil, em 24 de junho de 1976, em Paris, anunciado com o misterioso nome de coleção “Ferreira das Neves”,

24. O catálogo era *Voyages, Découvertes, Luites & Conquêtes des Européens dans le Nouveau Monde, Notamment au Brésil; Bibliothèque Formée à Partir de l’Ancienne Collection J. Ferreira das Neves*, Paris, Pierre Berès, 1976, 292 itens. Reproduz na página de rosto o *ex-libris* de Ferreira das Neves, mas não identifica os itens que teriam pertencido ao bibliófilo cujo nome poderia ser um disfarce da real origem daqueles livros.

25. José Mindlin, *Uma Vida Entre Livros: Reencontros Com o Tempo*, p. 27.



Ex-libris de Jacques Renout. Desenho de Tancredi Synave (1870-1936).

13 ANTONIL André Joao. *Cultura e opulencia do Brazil por suas drogas e minas.*

Relié demi-chagrin rouge, entièrement non rogné.

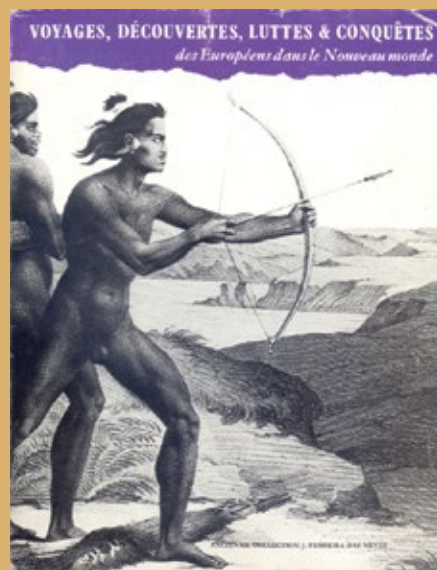
in-8, 232 × 162 : vii, 214 pp., couverture imprimée.

Rio de Janeiro, Saara, 1837

Première réimpression, exécutée à Rio de Janeiro, d'un livre célèbre relatif au Brésil. L'édition originale, d'une rareté proverbiale, avait été publiée à Lisbonne en 1711.

L'ouvrage expose l'état des richesses du Brésil et s'étend sur ses principales ressources : sucre, tabac, mines d'or. L'auteur, le père jésuite Andreoni, a signé son poème de dédicace du pseudonyme *O Anonymo Toscano* ; le livre est dédié aux producteurs de sucre et de tabac du Brésil et aux chercheurs d'or.

Exemplaire à toutes marges ; faux titre doublé, réparation marginale au titre.



Item 13 do catálogo de Pierre Berès com a descrição da edição de 1837 do livro de Antonil.

Capa do catálogo do leilão realizado por Pierre Berès em 1976. Reprodução de estampa de *Voyage Pittoresque Autour du Monde*, de Louis Choris (1822).

mas que se tratava de um conjunto formado para a ocasião, que provinha somente em parte da coleção Jacques Renout, da qual, no entanto, fora retirada talvez a peça mais preciosa, o raríssimo *Cultura e Opulência do Brasil*, de Antonil, publicado em Lisboa em 1711²⁶.

O catálogo do leilão, antes citado, refere-se, no item 13, à “*première réimpression, exécutée à Rio de Janeiro, d’un livre célèbre relatif au Brésil. L’édition originale, d’une rareté proverbiale, avait été publiée à Lisbonne em 1711*”. Ou seja, a descrição refere-se à reimpressão feita em 1837 e não à edição original. Na lista de preços do leilão esse item 13 estava avaliado em 4,5 mil francos, o que hoje equivale a cerca de 2,8 mil euros ou 3 150 dólares²⁷.

Uma descrição desse leilão, entre outros realizados durante 1976, encontra-se no artigo publicado no ano seguinte pelo *expert* Thierry Bodin. Em poucas linhas ele destaca as preciosidades presentes no catálogo do leilão da “*collection J. Ferreira das Neves*”, como, por exemplo, Barleus, Ferreira da Rosa, Debret e Rugendas. Nada diz sobre o Antonil²⁸.

Em mensagem de 16 de outubro de 2018, Richard Ramer contou-me:

Particpei do leilão organizado por *monsieur* Berès, em junho de 1976. Somente alguns livros do leilão haviam pertencido à coleção Renout. Sobre quais seriam, posso apenas conjecturar. Talvez haja existido um “Ferreira das Neves”, mas, se fosse verdade, seriam poucos os que provinham dessa coleção. Um dos mistérios do leilão foi a ausência de um livro que Renout possuía, segundo José Mindlin e Walter Geyerhahn. Os dois faziam parte de um grupo de dez ou doze pessoas, entre elas António Tavares de Carvalho, com quem almocei no intervalo entre as sessões da manhã e da tarde. Esse livro era a primeira edição do Antonil. Durante o almoço conversou-se sobre isso, num misto de tristeza e curiosidade, pelo fato de o livro não ter sido posto à venda. Passados 26 anos do leilão, comprei, em 14 de novembro de 2002, um exemplar no Sotheby’s, em Londres, que parecia ter vindo de Paris, consignado por Berès.

A aquisição foi feita para a John Carter Brown Library que, em 22 de novembro, onze dias depois do leilão, anunciou que agora possuía “um

26. Pierre Berès, “Disparition d’un Bibliophile”, *SLAM Newsletter* 32 (October 2008).

27. Um exemplar dessa edição, com notas marginais e seis folhas manuscritas deixadas por Capistrano de Abreu, estava sendo oferecido em 2019 por 80 mil dólares. (cf. Richard C. Ramer, *Catalogue Eleven; fiftieth Anniversary*, p. 9).

28. Thierry Bodin, “La Bibliophilie en France en 1976”.

dos mais raros e cobiçados volumes sobre o Brasil colonial”²⁹. O preço pago pelo livro foi de 116 650 libras. O valor atualizado em dólares seria hoje superior a 230 mil dólares.

Que fim levaram aqueles mil livros “inacháveis”, aquela que era “a melhor coleção do Brasil”? Até hoje encontram-se em catálogos de livreiros da Europa obras anunciadas como tendo pertencido à biblioteca do “célèbre bibliophile franco-brésilien”. Por exemplo, para dar água na boca, vejam a encadernação, feita por Charles Meunier, do exemplar da tiragem limitada a dez exemplares das *Scènes de la Vie de Campagne: Les Paysans*, de Balzac. Para que brinquem com a construção da imagem dessa figura, vejam o retrato do bibliófilo em seu *ex-libris* desenhado por Tancrede Synave, no exemplar do livro *Dessins sur les Danses d’Isadora Duncan*, de André Dunoyer de Segonzac.

Onde estaria a origem da informação segundo a qual o leilão realizado em 1976 por Pierre Berès como sendo da coleção J. Ferreira das Neves seria de fato o leilão de livros da biblioteca de Jacques Renout? O bibliófilo Cássio Ramiro Mohallem Cotrim levantou a hipótese de Renout “ter iniciado sua coleção a partir da compra da biblioteca de Jerônimo Ferreira das Neves”³⁰.

E quem foi J. Ferreira das Neves? Certidões localizadas por Sonia Gomes Pereira informam sobre batismo, casamento e morte de Jerônimo Ferreira das Neves Sobrinho, seu nome completo, que nasceu no Rio de Janeiro em 1854 e faleceu em Niterói em 1918³¹.

Ele era filho de Francisco Ferreira das Neves, português, cujo nome aparece em 1852 como “negociante estrangeiro” no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Provincia do Rio de Janeiro*, com atividades de confeitaria e refino de açúcar. Parece que tinha como sócio o irmão Jerônimo Ferreira das Neves, que deu seu nome ao nosso bibliófilo. Nesse ano já era um homem abastado, muito abastado. Em várias edições desse almanaque é citado como definidor (conselheiro) de algumas irmandades e ordens religiosas, o que implicava o custeio de despesas com o tratamento de enfermos pobres. Contribuiu financeiramente para a fundação da Sociedade Portuguesa de Beneficência e seu hospital. Nos anos de 1854 a 1857 há registro relativo à venda de um terreno desmembrado da chácara onde morava o agora comendador Francisco Ferreira das Neves, que ia do Catumbi/

29. Mary Jo Curtis, “John Carter Brown Library Acquires Rare 18th Century Book on Brazil”.

30. Cássio Ramiro Mohallem Cotrim, Comunicação Pessoal, 12.11.2019.

31. Sonia Gomes Pereira, “Coleção Jerônimo Ferreira das Neves: Uma Coleção Portuguesa no Museu D. João VI do Rio de Janeiro”, pp. 245-259. Também: Marize Malta, “Extraordinária Desconhecida: a Coleção de Eugênia e Jerônimo Ferreira das Neves”, pp. 107-123.

Rio Comprido até a encosta do Morro de Santa Teresa, na rua Paula Matos, então denominada Dona Josefina. Outros imóveis eram de sua propriedade. Encontra-se no citado almanaque um fazendeiro de café de mesmo nome com fazendas no Espírito Santo e em Barra Mansa. A descrição da casa que deixou em Niterói no edital em que era anunciado seu leilão é um indicativo convincente da riqueza que havia amealhado em seus anos de Brasil³².

Seu filho Jerônimo Ferreira das Neves ingressou, com dezoito anos, na Escola de Marinha, atual Escola Naval, no Rio de Janeiro. Em documento do arquivo da Marinha, lê-se que:

Jerônimo Ferreira das Neves, filho legítimo de Francisco Ferreira das Neves e de dona Maria Ferreira das Neves, natural do Rio de Janeiro, nasceu em onze de maio de mil oitocentos e cinquenta e quatro. Aprovado nos preparatórios e examinado por uma comissão médica que o declarou com a robustez necessária, por aviso do ministério da Marinha de vinte dois de fevereiro de mil oitocentos e sessenta e nove se lhe mandou assentar praça de aspirante a guarda-marinha e matricular só nas aulas do primeiro ano como discípulo interno e como tal foi reconhecido em ordem do dia da Escola de Marinha³³.

Seguem-se informações sobre seu aproveitamento escolar. Em novembro de 1871 concluiu o curso e, em 1º de dezembro, foi promovido a guarda-marinha.

O histórico escolar registrou sua partida, na tradicional viagem de instrução, na corveta Niterói, no dia 24 de fevereiro de 1872, chegando a Pernambuco em 23 de março e a Lisboa em 20 de maio. Em 4 de outubro de 1872 estava de volta ao Rio de Janeiro. E continuam os assentamentos: “Por aviso de dezesseis de setembro de mil oitocentos e setenta e dois foi este guarda-marinha demitido do serviço a seu pedido e por ordem superior desembarca da corveta Niterói em 10 de outubro do mesmo ano”. Assim termina o histórico escolar e a brevíssima carreira de oficial da Marinha de Jerônimo Ferreira das Neves. Carreira que se

32. A casa ficava na rua da Praia (hoje avenida Visconde de Rio Branco), nº. 45, no bairro de São Domingos, de frente para o mar. Era um prédio “sólido e elegantemente construído no melhor estado de segurança, com grandes acomodações para família, fâmulos, escravos, etc., etc.; jardim e chácara, tendo no jardim um agradável chalé e caramanchões para recreio, etc., etc.; água dentro, plantas de subido valor, ocupando este prédio e benfeitorias que lhe são anexas um vasto terreno com 10 braças de frente, mais ou menos” [...] (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6.10.1871, p. 2). Na verdade um “palacete” como diz o anúncio em que são colocados à venda os móveis da casa. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31.10.1871. Nessa época, a viúva, Maria Ferreira das Neves, concedeu liberdade a doze escravos, com idade entre 60 anos e seis meses (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27.10.1871, p. 4.)

33. Livro-mestre dos segundos-tenentes nº. 47.280, folha 77.

resumiu a uma espécie de cruzeiro em que visitou Lisboa, Plymouth, Cádiz, Gibraltar, Cartagena, Toulon, La Spezia, Nápoles, Pisa, Trieste, Veneza, Constantinopla, Suez, Malta e Argel³⁴. E que também lhe permitia, sem faltar inteiramente à verdade, apresentar-se, em Portugal, como antigo oficial da Marinha brasileira.

Podemos imaginar que a morte do pai, ocorrida cerca de seis meses antes da viagem de instrução, com a abertura de inventário, repartição do espólio e questões disso decorrentes, levaram-no a se demitir da Marinha, sem nem esperar pela atracação da corveta ao cais do Rio de Janeiro, ao voltar da viagem de instrução. No final de 1871 sua mãe, Maria Ferreira das Neves, anunciou que iria retirar-se para Portugal. Parece que em 1882 Jerônimo ainda vivia no Rio, se for confiável a informação do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, do ano de 1882 (p. 154) que o colocou na rubrica de “capitalistas e proprietários”, com morada “na rua dos Voluntários da Pátria, 163”.

Não foi possível precisar o ano em que Jerônimo transferiu residência para a Europa. O monsenhor Prospero Peragallo, americanista, em livro publicado em 1888, diz que consultou a raríssima obra de Giovanni Camers, *In C. Julii Solini Polyistora Enarrationes*, editada em Viena em 1520, que lhe foi gentilmente emprestada pelo “distinto bibliófilo, e mio amico, sig. Jeronymo Ferreira das Neves, che pose a mia disposizione la sua preziosa biblioteca, ricca soprammodo di cimelli di storia americana, asiatica ed africana, al quale godo di rendere qui publico ringraziamiento”³⁵. A obra citada contém dois trabalhos: a edição organizada por Giovanni Camers da *Polyhistora*, de Caio Júlio Solino, com o mais antigo mapa do Novo Mundo em que aparece o nome América; e a edição de Joachim Vadianus do *De Situ Orbis Libri Tres*, de Pomponius Mela.

No mesmo ano de 1888, o bibliógrafo Brito Aranha, que cuidou da continuação do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, depois da morte de

.....
Página de rosto do catálogo do leilão, com
o ex-libris de Jerônimo Ferreira das Neves.
.....

34. Para o roteiro da viagem de instrução ver *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, a. 4, n. 20, 21 fev. 1872, p. 1.

35. Prospero Peragallo, *Cristoforo Colombo e la sua Famiglia*, p. 270 (nota).

Précieux livres anciens

ESPAGNOLS, PORTUGAIS,
HOLLANDAIS, ANGLAIS & FRANÇAIS

Voyages, découvertes, luttes & conquêtes

DES EUROPÉENS DANS LE NOUVEAU MONDE,
NOTAMMENT AU

Brésil



BIBLIOTHÈQUE FORMÉE A PARTIR DE
L'ANCIENNE COLLECTION J. FERREIRA DAS NEVES

Inocência Francisco da Silva, elogiou o estado de conservação e a beleza da edição de *Os Lusíadas*, de 1584, a que foi mutilada pela censura inquisitorial e ganhou o apelido de “edição dos Piscos”. Esse zelo se devia ao “sr. Jerônimo Ferreira das Neves Sobr.^o, brasileiro. Este distinto apreciador de bons livros e dos mais célebres autores tem igualmente outras edições camonianas antigas conservadas com o mesmo primor”³⁶.

Outro estudioso informou, no final de um artigo escrito em outubro de 1894, que, ao fazer a revisão das provas tipográficas desse artigo, ficou sabendo que, em dezembro do ano anterior, 1893, o manuscrito da tradução italiana do *Itinerarium*, de Geraldini, fora comprado pelo “signor Jeronimo Ferreira das Neves, brasileiro di Rio-de-Janeiro, dimorante a Lisbona”³⁷.

A menção seguinte foi encontrada no relato da sessão de 10 de fevereiro de 1898 da Academia Real das Ciências de Lisboa, em novo agradecimento a Ferreira das Neves por sua generosidade em permitir a consulta de suas preciosidades. Sousa Viterbo comunicava ter examinado um exemplar de uma edição das *Sátiras*, de Sá de Miranda, que talvez fosse único, impresso no Porto em 1626, o qual lhe fora “benevolamente confiado [...] pelo distinto bibliófilo sr. Jerônimo Ferreira das Neves, que o adquirira”³⁸.

Em 1899, Sousa Viterbo referiu-se ao “amigo Jerônimo Ferreira das Neves” que possuía a “*Carta Topographica do Destricto Grande da Real Fabrica de Ferro Ypanema Levantada e Desenhada pelo Segundo Tenente do Real Corpo de Engenheiros Rufino José Felizardo*. Anno de 1812. 69 x 52 centímetros”³⁹.

Sousa Viterbo volta a nos falar de um dos feitos bibliofílicos do amigo brasileiro que foi o arremate de “um volume, contendo diversos opúsculos raros e interessantes”⁴⁰.

Clara Moura Soares e Maria João Neto, ao analisar essas e outras menções às atividades de Ferreira das Neves no meio intelectual de Lisboa, que reconhecia a qualidade de sua biblioteca, concluem que as relações do bibliófilo com figuras importantes da política e da cultura

36. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, p. 289.

37. A. Tenneroni, “Il Testo Volgare dell’Itinerarium di Alessandro Geraldini d’Amelia”, pp. 154-158. O manuscrito era a primeira tradução para o italiano do *Itinerarium Ad Regiones Sub Aequinoctiali Plaga Constitutas*, de 1631. Encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal que informa que seu proprietário, antes de José Teles da Silva (1932–1993), foi Jerônimo Ferreira das Neves. Em estudo mais recente e completo sobre o *Itinerarium*, essa mesma observação de Tenneroni quanto à compra do manuscrito por Ferreira das Neves é citada (Leo M. Kaiser, “The Earliest Verse of the New World”, p. 433).

38. Academia Real das Ciências, *Boletim da Segunda Classe*, p. 39.

39. Sousa Viterbo, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses ou a Serviço de Portugal*, p. 320.

40. *Archivo Historico Portuguez*, p. 250-251.

local eram fortes⁴¹. Baseadas nos comentários de Sousa Viterbo e outros autores, as autoras anotam vários títulos de manuscritos e obras impressas, da maior raridade, que teriam pertencido a Jerônimo.

Quanto ao reconhecimento por parte do rei Dom Fernando, de quem Jerônimo teria sido “amigo e protegido”, essa seria uma opinião exagerada pelo testamenteiro de nosso bibliófilo, conforme observou a professora Sonia Gomes Pereira, reportando-se aos estudos pioneiros de José Roberto Teixeira Leite. A professora Maria Antónia Lopes, que pesquisou exaustivamente sobre a vida de Dom Fernando, a fim de escrever *D. Fernando II: Um Rei Averso à Política* (Lisboa, Temas e Debates, 2016, p. 463), nada encontrou nos documentos que comprovasse essa história de amizade e proteção entre o monarca e o bibliófilo. Ressaltou, porém, que Dom Fernando, “na sua correspondência nunca menciona os seus protegidos. Em vão procuramos os artistas que ele terá ajudado. Desinteresse real ou apenas por saber que o assunto não importava aos seus interlocutores? Assunto sobre o qual refletir...”⁴².

Encontrei, no catálogo da biblioteca de Dom Manuel II, oito registros de obras do século XVI, raríssimas, que pertenceram a Ferreira das Neves⁴³.

Na lista das obras legadas em testamento pela viúva do bibliófilo à Escola Nacional de Belas-Artes, que, segundo inventário feito em 2007, somavam 197 volumes, correspondentes a 177 títulos, destacam-se as obras de George Anson (edição francesa de 1764), algumas edições de *Os Lusíadas* dos séculos XVIII e XIX, um exemplar de uma edição muito rara (1818) da *Copia da Analyse da Bulla do Smo. Padre Julio III*, de Azeredo Coutinho, *Del Mondo Nuovo del Cavalier Tomaso Stigliani* (1617), que narra em versos a viagem de Colombo, e seis volumes factícios com trabalhos de Varnhagen. Chama a atenção, nessa lista, a quantidade predominante de obras que eram quase obrigatórias nas estantes de pessoas cultas, mas hoje de escasso valor bibliofílico, como as caudalosas histórias escritas por Guizot, Lacroix, Modesto Lafuente, Macaulay, conde de Ségur e Thiers. Sem falar de grandes clássicos portugueses⁴⁴.

41. Clara Moura Soares e Maria João Neto, “O Gosto pelo Coleccionismo de Vitral Antigo em Portugal e no Brasil, no Século XIX – a Coleção Ferreira das Neves”, pp. 236-249.

42. Maria Antónia Lopes, Comunicação Pessoal, 19.2.2019.

43. São em ordem cronológica de publicação: 1. Martin Laso de Oropesa, *La Hystoria que Escriuiu en Latin el Poeta Lucano*, Lisboa, Luiz Rodrigues, 1541. 2. Christovão Rodrigues de Oliveira, *Svmmario em qve se Contem Algvas Covsas qve ha na Cidade de Lisboa*, Lisboa, Germão Galharde, 1554. 3. Antonio Tenreiro, *Itinerario*, Coimbra, Antonio de Mariz, 1560. 4. *Horas de Nossa Senhora*, Paris, Jeronymo de Marnef, 1563. 5. *Catechismo ou Doutrina Christã & Practicas Spirituaes*, Frei Bartolomeu dos Martires, Braga, Antonio de Mariz, 1564. 6. André de Resende, *Carmen Endecasyllabon ad Sebastianum Regem*, Lisboa, João de Barreira, 1567. 7. André de Resende, *Ad Maturandam Aduersus Rebelleis Mauros Expeditionem Cohortatio*, Evora, André de Burgos, 1570. 8. *Diffiniçoens da Ordem de Cistel*, Lisboa, Antonio Alvares, 1593.

44. Hamilton Botelho Malhano, *Acervo Jeronymo Ferreira das Neves*.

Eugênia Barbosa de Carvalho Neves determinou em testamento que todos seus “preciosíssimos livros antigos” fossem legados à Academia Brasileira de Letras, com a condição de que fosse nelas inscrito o dístico “Livros que faziam parte da riquíssima Biblioteca do falecido bibliófilo Jerônimo Ferreira das Neves – Legado de sua viúva”⁴⁵.

A professora Marize Malta, que tem estudado a coleção de objetos artísticos deixada para a Escola Nacional de Belas-Artes, hoje Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, enviou-me cópia do termo de desistência desse legado, lavrado pela Academia Brasileira de Letras, em 11 de setembro de 1950, e assinado pelo seu presidente de então, Gustavo Barroso, e constante do processo de inventário.

A desistência sacramentada por Gustavo Barroso decorria de intimação enviada à Academia Brasileira de Letras pelo Juízo de Direito da 4ª Vara de Órfãos e Sucessões, em 9 de junho, sobre o atraso no pagamento do imposto de transmissão devido pela legatária. Se esse pagamento não fosse honrado, seria atendido o pedido do inventariante para que os bens legados fossem levados a hasta pública. A direção da academia, em reunião de 20 de julho, discutiu sobre a renúncia a esse legado, que foi aprovada por unanimidade em reunião de 10 de agosto⁴⁶. Em 20 de dezembro de 1950, os livros destinados à Academia acabaram indo a leilão junto com outros objetos do espólio de Eugênia Barbosa de Carvalho Neves.

O catálogo, publicado no mesmo dia do leilão, arrola livros nos lotes que vão do número 81 ao 172. A descrição de cada título é insuficiente e cada lote talvez inclua mais de um título. Encontram-se títulos de obras que podem ser consideradas raras, mas pouco relevantes para um bibliófilo especializado em brasileira, exceto uma edição de Silva Serva, da Bahia, de 1818, a *Alfonsiada*, de Pina Leitão, e o *Novo Orbe Seráfico Brasílico*, de Antônio de Santa Maria Jaboação, de 1858.

A edição de *Os Lusíadas*, que dona Eugênia fizera questão de explicitar no testamento, também foi a leilão. Nos dizeres do catálogo do leiloeiro, era uma “edição comemorativa publicada por Emilio Biel. Edição numerada cujo exemplar tem o número oito dos quais foram tirados doze exemplares em edição pergaminhada [sic] e com muitas gravuras em riquíssima encadernação guarnecida de ferragens douradas”⁴⁷. Tratava-se de exemplar de uma limitadíssima tiragem *hors*

45. Sonia Gomes Pereira, “Coleção Jerônimo Ferreira das Neves: Uma Coleção Portuguesa no Museu D. João VI do Rio de Janeiro”.

46. Livro de atas da Academia Brasileira de Letras, sessões de 20 de julho e 10 de agosto de 1950, pp. 77 e 85. Cópia de contra-fé apresentada pelo Juízo de Direito da 4ª Vara de Órfãos e Sucessões. Documentos do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras.

47. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20.12.1950, p. 13.

commerce de uma edição luxuosa, feita com requisitos necessários a um investimento editorial de baixo risco e com garantia de opíparo retorno. A venda foi feita pelo sistema de assinaturas prévias ao lançamento. A chamada edição geral não tinha tiragem informada. Além dela, havia uma tiragem de cem exemplares numerados e com os nomes dos assinantes. Por fim, doze exemplares numerados, impressos em pergaminho, gravuras em papel da China. A assinatura da edição em pergaminho logo se esgotou⁴⁸.

Isso é muito pouco para que se tenha uma amostra do que seria a biblioteca de Ferreira das Neves, embora seja suficiente para reconhecer que seus contemporâneos estavam certos ao considerá-lo um “distinto apreciador de bons livros e dos mais célebres autores”. No entanto, sentimos falta de informação nobre as preciosidades que o tornaram um “infatigável bibliófilo americanista”, possuidor da “biblioteca americana mais valiosa que se conhecia”. Os qualificativos são de Brito Aranha e Sousa Viterbo, já citados⁴⁹.

A professora Marize Monte escreveu-me recentemente:

A fama de Jerônimo como bibliófilo era de americanista, nem tanto como camoniano. Encontrei em Lisboa o arrolamento de todos os seus bens, que ficaram encaixotados por vinte anos. Lá tem a lista de todos os seus livros. Comecei a transcrição interessada nos objetos e obras de arte da coleção que estudo, mas era muita coisa e com uma letra detestável... É um processo enorme com quatro volumes. Solicitei a digitalização dele na Torre do Tombo. E aguardo a conclusão do serviço⁵⁰.

Concluída essa digitalização, será possível compilar o que viria a ser o catálogo da biblioteca rediviva de Jerônimo Ferreira das Neves, e a partir daí iniciar a reconstituição dos caminhos que seus livros tomaram.

Entre a data da morte de Jerônimo e a de Eugênia passaram-se 28 anos, de junho de 1918 a dezembro de 1946. Período durante o qual muitos objetos podem ter tomado caminho diferente daquele que havia sido desejado pelo casal.

Na página 301 do volume de suas cartas, Rubens fala da “enorme livraria, uns dez mil volumes” do príncipe russo Dolgoruky-Romanov. Era um “amontoado de obras modernas disparatadas”, mas ele ali

48. A edição digitalizada dessa obra pode ser consultada em http://purl.pt/19851/4/cam-248-a_PDF/cam-248-a_PDF_24-C-R0150/cam-248-a_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf

49. Clara Moura Soares e Maria João Neto, “O Gosto Pelo Coleccionismo de Vitral Antigo em Portugal e no Brasil, no Século XIX – a Coleção Ferreira das Neves”, pp. 238-239.

50. Marize Monte, Comunicação Pessoal, 17.2.2019.

garimpou e encontrou alguns títulos que remeteu para António Tavares. Havia muitas obras portuguesas de genealogia. O “pobre príncipe” é mencionado ainda duas vezes, mas nada que esclareça sobre quem teria sido essa figura de um suposto nobre, emigrado russo, tocado pela Revolução de Outubro. Nobre autêntico ou impostor? Existem registros, em jornais, que indicam a presença de pessoas com o sobrenome Dolgoruky ou Romanov no Estado de São Paulo. Mas em nenhum caso foi encontrada ligação com aqueles quinze mil livros. Outro exemplo de como é difícil evitar a diáspora (no sentido não étnico do termo) das coleções.

Estes casos isolados, pinçados nas cartas ao livreiro e na autobiografia de Rubens Borba de Moraes, acrescidos de detalhes colhidos em poucas fontes, levam-nos a sugerir que sejam realizadas mais pesquisas, de natureza histórica, sociológica e bibliológica, sobre o mundo brasileiro da bibliofilia.

A tese de Oto Reifschneider, de 2011⁵², representou um grande avanço no sentido de mapear a prática da bibliofilia no Brasil e levantar dados biográficos sobre colecionadores e livreiros. Pode ser considerado como o primeiro grande esforço para se fazer uma cartografia do colecionismo de livros, sem omitir um personagem-chave dessa rede: os livreiros.

Uma consideração final. A bibliofilia atravessa uma fase em que, graças à digitalização, ela supera a preocupação exclusiva com o entesouramento do livro como objeto precioso e promove o amplo acesso ao conteúdo desses objetos, ampliando seu valor de uso sem afetar o seu valor de troca. Nada impede que existam pessoas que, por motivos insondáveis, continuem a tratar os livros raros de sua coleção como objetos intocáveis. Mas, para a maioria dos interessados, o que importa mesmo é o conteúdo desses objetos e suas histórias de vida. Histórias como as que são narradas nas boas bibliografias.

Maria Bonomi, uma de nossas mais importantes e admiráveis artistas, referindo-se recentemente às formas de apoio às artes, disse algo que esperamos que um dia possa também ser aplicado ao campo da bibliofilia. Ela disse que “muitos [políticos e empresários] se interessaram pela arte no sentido coletivo, não por sua coleção particular”⁵¹.

Por isso, e ao falar da era digital, proponho que busquemos uma explicação dada por autor famoso sobre qual deva ser a principal utilidade de uma coleção formada com muitos esforços e despesas. Para ele, quem forma sua coleção particular para uso exclusivo estará condenando as luzes e as ideias nela contidas ao “silêncio perpétuo e à solidão”.

51. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. C2, 5 nov. 2018.

52. Oto Reifschneider, *A Bibliofilia no Brasil*, 2011.

E, por esse motivo, é que vos digo [...] que seria vão todo esforço de alguém para levar a cabo qualquer das sugestões mencionadas ou fazer alguma despesa elevada com livros se esse alguém não pretendesse destiná-los e consagrá-los ao uso do público, e jamais negá-los ao mais humilde dos homens que deles vier a precisar [...].

Assim falou Gabriel Naudé, há quase quatro séculos, em 1627⁵³.●

53. Gabriel Naudé, *Conselhos Para Formar uma Biblioteca*, p. 79.

SOBRE O AUTOR

Antonio Agenor Briquet de Lemos é formado em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional (1957), com mestrado pela Loughborough University (Reino Unido, 1977). Professor aposentado da Universidade de Brasília. Dirigiu o Centro de Documentação do Ministério da Saúde, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a Editora Universidade de Brasília e a Editora/livraria Briquet de Lemos/Livros.

EM BUSCA DE BIBLIÓFILOS ESQUECIDOS p.35

RESUMO As cartas que Rubens Borba de Moraes enviou para o livreiro português Antonio Tavares de Carvalho, entre 1961 e 1985, documentam transações comerciais e a forma como o entendimento entre os dois propiciou ao bibliófilo o enriquecimento de sua coleção. As cartas revelam nomes de bibliófilos sobre os quais ainda não se conseguiram dados biográficos mais completos, como é o caso de Jerônimo Ferreira das Neves, Jacques Renout e William Gropp. Informações sobre esses bibliófilos e sobre o livreiro Antonio Tavares de Carvalho foram coligidas em algumas fontes.

RUBENS BORBA DE MORAES •
ANTONIO TAVARES DE CARVALHO •
JACQUES RENOUT • WILLIAM GROPP
• JERÔNIMO FERREIRA DAS NEVES •
BIBLIOFILIA BRASILEIRA.

SEEKING HOST BIBLIOPHILES

ABSTRACT Letters from Rubens Borba de Moraes to the Portuguese bookseller Antonio Tavares de Carvalho, from 1961 to 1985, document commercial transactions and how their mutual understanding helped the bibliophile to enrich his collection. Names of book collectors are mentioned in the letters about whom information is very scarce, v. g., Jerônimo Ferreira das Neves, Jacques Renout and William Gropp. Information about them and the bookseller Antônio Tavares de Carvalho were collected in a few sources.

RUBENS BORBA DE MORAES •
ANTONIO TAVARES DE CARVALHO •
JACQUES RENOUT • WILLIAM GROPP
• JERÔNIMO FERREIRA DAS NEVES •
BRAZILIAN BIBLIOPHILIA.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Real das Sciencias. *Boletim da Segunda Classe*, vol. 1 (1898-1902). Lisboa, 1903, p. 39.
- ARCHIVO *Historico Portuguez*, vol. 1, n. 8, ago, 1903, pp. 250-251.
- BODIN, Thierry. "La Bibliophilie en France en 1976". *Librarium*, a. 20, n. 3, 1977, p. 176.
- D'ANUNCIACÃO, Pedro. "Em Paz: Tarcísio Trindade". *SOL*. Lisboa, 25 março 2011, p. 21.
- GRANDE *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, Ed. Enciclopédia, s.d.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. São Paulo, Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado; Arquivo do Estado, 2001.
- CURTIS, Mary Jo. "John Carter Brown Library Acquires Rare 18th Century Book on Brazil". *Brown University News*, Providence, 25 Nov. 2002. Disponível em: http://www.brown.edu/Administration/News_Bureau/2002-03/02-039.html.
- DICIONARIO Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888, vol. 15 (oitavo do suplemento), p. 289.
- KAISER, Leo M. "The Earliest Verse of the New World". *Renaissance Quarterly*, vol. 25, n. 4, p. 433 n., 1972.
- MALHANO, Hamilton. Botelho. *Acervo Jeronymo Ferreira das Neves; Inventário de Fontes Bibliográficas*. Ms. Biblioteca da Escola Nacional de Belas-Artes, p.52
- MALTA, Marize. "Extraordinária Desconhecida: A Coleção de Eugênia e Jerônimo Ferreira das Neves". In: MALTA, Marize et al. (org.). *Histórias da Arte em Coleções: Modos de Ver e Exibir em Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro, Rio Books, 2016.
- MANUEL II, Rei de Portugal. *Livros Antigos Portuguezes 1489-1600 da Bibliotheca de Sua Magestade Fidelissima Descriptos por S.M. El-rei D. Manuel em Tres Volumes*. London: Maggs Bros, 1929-1935.

- MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*. São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2018.
- MELO, Filipa. “Alfarrabistas – em 1993, Era Assim”. *Coração Duplo* [blog], 16 out. 2010. Disponível em: <https://coracaoduplo.blogspot.com/2010/10/alfarrabistas-em-1993-era-assisim.html>
- MINDLIN, José. *Uma Vida Entre Livros: Reencontros com o Tempo*. São Paulo, Edusp; Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- . *Testemunha Ocular – Recordações*. Brasília, Briquet de Lemos / Livros, 2011.
- MOURA, Paulo. “Os Sacerdotes do Livro: Histórias de Livreiros-alfarrabistas”. Revista *Pública*, suplemento do jornal Público, 11 de abril de 2004. Disponível em: www.publico.pt/2004/04/11/jornal/os-sacerdotes-do-livro-186786. Acesso em: 1.11.2018.
- NAUDÉ, Gabriel. *Conselhos para Formar uma Biblioteca*. Brasília, Briquet de Lemos / Livros, 2016. Disponível em <https://archive.org/details/NaudCompleto>
- NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão Histórica*. 2. ed. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1978.
- PERAGALLO, Prospero. *Cristoforo Colombo e la sua Famiglia, Revista Generale degli Errori del sig. E. Harrisse; studi storico-critici*. Lisboa, Typographia Portuense, 1888.
- PEREIRA, Sonia Gomes. “Coleção Jerônimo Ferreira das Neves: Uma Coleção Portuguesa no Museu D. João VI do Rio de Janeiro”. *Actas do III Seminário Internacional Luso-Brasileiro*. Porto, Cepese/Universidade do Porto, 2009.
- PIERRE Berès, Disparition d’un Bibliophile. *SLAM Newsletter* 32 (October 2008). Disponível em: <https://slam-livre.fr/fr/node/67789>. Acesso em 1/11/2018. Também em: <https://ilab.org/articles/pierre-beres-disparition-dun-bibliophile>.
- POMIAN, Krzysztof. “Coleção”. *Enciclopedia Einaudi, volume 1: Memória-história*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, s.d.
- RAMER, Richard C., *Catalogue Eleven; Fiftieth Anniversary*. New York, 2019, p. 9.
- REIFSCHEIDER, Oto Dias Becker. *A Bibliofilia no Brasil*. Brasília, Universidade de Brasília, 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação).
- SOARES, Clara Moura; NETO, Maria João. “O Gosto pelo Coleccionismo de Vitral Antigo em Portugal e no Brasil, no século XIX – A Coleção Ferreira das Neves”. *ART IS ON*, n. 5, pp. 236-249, 2017.
- TENNERONI, A. “Il Testo Volgare dell’Itinerarium di Alessandro Geraldini d’Amelia”. *Bollettino della Società Umbra di Storia Patria*, vol. 1, 1895, pp. 154-158.